

Carolina e seu ideal de euJuliana **BARACAT**¹

O livro *Quarto de despejo*, de autoria de Carolina Maria de Jesus, foi lançado em 1960, após ser descoberto pelo jornalista Audálio Dantas, causando imenso impacto na discussão do problema das favelas no Brasil, problema que na época ainda não estava em voga. O livro, misto de diário pessoal e denúncia social, rendeu à autora um breve período de reconhecimento e fama, reconhecimento este que, ironicamente, se perpetuou no exterior onde fora traduzido para treze idiomas, enquanto no Brasil a autora logo retornou para a obscuridade.²

Apesar da maioria das discussões acerca da obra circularem em torno dos aspectos sociais que ela levanta, este ensaio pretende pensar Carolina e seu livro sob a ótica psicanalítica, focando em três pontos: o ideal de eu da autora, o movimento de sublimação que ela realiza e sua relação com a realidade externa.

O ideal de eu, ou supereu, seria uma das três instâncias psíquicas determinadas por Freud no modelo conhecido por segunda tópica³. Essas instâncias compreendem: o isso, desconhecido e inconsciente, portador dos impulsos libidinais demandantes de realização, ou seja, externalizarem-se em forma de atos; o eu, instância que entre outras coisas media a relação do isso com o mundo externo; e o supereu, ou ideal de eu, cuja formação se dá como uma conseqüência do complexo de Édipo, e que comporta as exigências e proibições provenientes de uma lei interna, censora e igualmente demandante, opondo-se ao princípio de prazer do isso e instaurando o princípio de realidade (FREUD, 1923/ 1976).

¹ Psicóloga graduada pela UEL, especialista em psicanálise, atualmente pesquisa a questão da sexualidade feminina na pós-modernidade.

² Vide página da internet: espacoacademico.com.Br/046/46bueno.htm.

³ A primeira tópica seria: consciente, pré-consciente e inconsciente. Aqui também substituímos a terminologia clássica: ego, id e superego, pela terminologia mais atualizada mediante traduções novas do original alemão, sendo assim, respectivamente: eu, isso e supereu.

O complexo de Édipo se refere às relações da criança com as figuras parentais (figuras que nem sempre são o pai ou mãe biológicos, mas sim aqueles que desempenham essas funções), relações as quais foram esquematizadas hipoteticamente por Freud, já que estas ocorrem de diversas formas variando de indivíduo para indivíduo. Em outras palavras, os processos que envolvem o Édipo são universais, mas a forma como se dão, com quem é feita a identificação, os componentes ambivalentes dessas relações, as escolhas objetais e posteriores abandonos, variam para cada um. Cada ser humano possui sua história, história esta que além de dados factuais também comportam a história de suas escolhas.

Sendo assim, o ideal de eu oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, construída através de sua relação com os pais, onde o sujeito identificado incorpora uma imagem da figura identificada, e esta inicia um processo de construção de ideais e exigências feitas pela absorção desta imagem. Ou seja, o supereu se expressa através da fórmula “*you should be like... (figura identificada)*”, agindo sob um imperativo categórico rigoroso e torturador. Esta demanda de realização age sob o eu, colocando-o no papel de mediador acima referido, pois que o eu acaba por agir como um político interesseiro e amedrontado, subjugado a dois mestres, ambos exigentes e opostos em seus desejos. O isso, demandando a realização de seus impulsos e movido pelo princípio de prazer, e o supereu, crítico rígido e moralista que exige impiedosamente a concretização do ideal (FREUD, 1923/1976).

Esclarecido estes pontos, apresentemos Carolina. Neta de escravos, nasceu em Sacramento, Minas Gerais, em 1914. Seu pai era um boêmio tocador de viola, não muito chegado ao trabalho, relegando a mãe de Carolina ao papel de provedora da família. Fora uma de suas patroas, Maria Leite Monteiro de Barros, quem se disponibilizou a pagar os estudos da jovem Carolina, no Colégio Allan Kardec, onde estudou por dois anos e que constitui a única educação formal que esta possuiu. Entretanto as vicissitudes da vida logo a levaram a ter que ajudar em casa e abandonar os estudos.⁴

Anos depois, Carolina vem para São Paulo, onde passa a residir na favela do Canindé. Mãe solteira de três filhos, cada um de um pai, Carolina adquiriu o hábito de

⁴ Dados retirados dos sites: [www.portalafro.com.br/carol.htm](http://www.portalaфро.com.br/carol.htm), e : www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/carolina_vida.html.

registrar seu cotidiano em cadernos que encontrava no meio do lixo que recolhia para vender, sua real fonte de renda. Descoberta por Audálio Dantas, que visitara a favela atrás de uma reportagem e que se interessou pelo diário, Carolina vê pela primeira vez a possibilidade de realizar seu ideal de ser artista e tornar-se escritora.

Sendo assim, ela vai se apresentando aos poucos neste diário que, em muitos momentos deixa de sê-lo para dar espaço a denúncia social. Ficamos sabendo que Carolina não se identifica com os outros favelados por vários motivos. Em primeiro lugar, ela gosta de ler e escrever, prefere gastar seu dinheiro em livros do que em bebida. Ama e respeita as crianças e não entende aqueles que as atacam. De sua língua, muitas vezes ferina, não poupa as mulheres, que só fofocam e se submetem às surras dos maridos, mas que a criticam por ser solteira, pois que Carolina prefere viver só para seu ideal.

Desta breve apresentação, podemos perceber (e inferir, dado que Carolina conta muito pouco de sua vida no livro) que Carolina se viu identificada com sua mãe, mulher forte e trabalhadora, que queria que a filha fosse professora e, segundo ela, formou seu caráter (JESUS, 1960, p. 43). Deste ponto, vislumbramos a formação do ideal de eu de Carolina, seu amor pelo mundo intelectual, mundo este que se fecha diante de sua impossibilidade real de viver nele. O fato de sua pouca instrução ter sido possibilitada por meio de uma patroa da mãe, corrobora a idéia de que este ideal fora absorvido pela filha através da mãe, a quem só podemos imaginar como era, mas que, possivelmente, como Carolina conta, “formou” seu caráter, de rígido moralismo, independência e dedicação aos filhos.

Por outro lado, sabemos que o pai de Carolina não se impunha como chefe de família, enquanto provedor dos bens necessários à sobrevivência, apesar de seu interesse pela música. Essa imagem de pai fraco, dado aos vícios da vida, provavelmente, levou Carolina a ter uma visão um tanto desprezível dos homens. Não sabemos como fora sua vida amorosa, mas pelo fato de seus filhos serem cada um de um pai, e de não apresentarem grande diferença entre suas idades, podemos supor que foram frutos de casos breves e talvez mesmo superficiais. No livro há apenas algumas referências acerca do pai de Vera Eunice, o qual apesar de não conhecê-la, ocasionalmente presta ajuda financeira para a filha, através do Juizado (JESUS, 1960, p. 146).

Sua relação com os homens, enquanto objetos amorosos, vai se apresentando de forma um tanto ambígua. Num momento ela se diz farta de Manoel, um amante ocasional, para depois admitir-lhe a saudade, pois que “ *a saudade é amostra de afeto*” (JESUS, 1960, p. 148). Encanta-se pelo cigano que, como ela, se interessa por arte e música, mas que logo ela percebe ser um conquistador barato, que usa sua beleza para ludibriar as mulheres (JESUS, 1960, p. 136).

Porém, neste ponto, devemos abrir outra brecha teórica para introduzir o tema da sublimação. Teorizado por Freud inicialmente em *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905/ 1975), este conceito diz respeito a um movimento pulsional que desvia as forças sexuais das metas sexuais, orientando-as para novas metas, “*adquirindo poderosos componentes para todas as realizações culturais*” (FREUD, 1905/1975, p. 166). Para que tal processo ocorra há duas condições: através do processo de dessexualização, a libido antes investida num objeto, ou alvo, tido como erótico, é deslocada para o próprio eu, tornando-a uma libido narcísica. Depois desta operação, a libido volta a ser investida num novo objeto, não sexual. Sendo assim, a satisfação sexual direta é substituída por uma satisfação narcísica, expressa diante da gratificação do criador diante de sua obra. Esta satisfação é que motiva e impulsiona o movimento sublimador (NASIO, 1997).

Outra condição determinante inclui o próprio ideal de eu, o qual inicia e orienta a sublimação, pois este faz o papel de apoio a todo o processo, através dos ideais sociais e artísticos internalizados pelo sujeito⁵. Como no caso de Carolina, já comentamos o quanto o ideal de sua mãe de educar e desejar que sua filha fosse professora, lhe incutiram ideais de intelectualidade, os quais ela busca realizar através de sua produção literária.

Abrimos novamente um parêntesis aqui para esclarecer dois pontos acerca da produção de Carolina. Apesar de muitos discutirem o valor artístico literário da obra *Quarto de Despejo*, nos parece inegável seu valor enquanto registro de uma realidade social, registro que é feito, segundo a autora, almejando empatia por parte da sociedade e dos políticos de forma a buscar soluções para o problema. Ou seja, a obra é regida por um ideal de justiça social e direitos humanos, encaixando aqui num dos tipos de

⁵ Para os interessados no assunto recomendamos a obra referida de Nasio, na qual encontramos o conceito explicado didaticamente de forma condensada, posto que tal conceito nunca fora melhor aprofundado por Freud, sendo encontrado de forma dispersa por toda sua obra.

realizações alcançados pela sublimação. O segundo ponto se refere à busca de intelectualidade que percebemos em Carolina. Apesar de não ser considerada uma intelectual, vemos claramente um desejo de sê-lo na autora. Diante de sua realidade de mulher pobre, mãe solteira e negra, no Brasil das décadas de 50 e 60, sua busca de alimentos para o intelecto nunca foram reconhecidos como tal. Fosse sua realidade (financeira) diferente, talvez a história fosse diferente. Entretanto, consideramos Carolina uma intelectual mediante este desejo, mesmo barrado pela realidade.

Retornando para a questão da sublimação, percebemos em Carolina este desvio pulsional, encontrando por todo o texto declarações quase amorosas em relação aos livros e sua própria produção. Ao final do livro, quando Carolina se torna matéria para um artigo de revista, podemos vislumbrar a satisfação narcísica que ela demonstra, comprando a revista e distribuindo-a para os conhecidos, orgulhosamente, já imaginando como será sua vida quando o livro for lançado.

Desta forma, vemos que não havia espaço na vida de Carolina para relacionamentos amorosos, ficando estes sempre em segundo plano, diante de seu amor maior pelos livros e pelas palavras. Seu caso de amor era com o papel, a folha a ser escrita.

Entretanto, este amor por seu ideal nos leva a pensar na forma com que Carolina lida com a realidade externa vivida por ela. Apesar de se dizer preocupada com os humildes, ao mesmo tempo a autora não esconde seu desprezo pelos vizinhos favelados. Conta, por exemplo, em uma conversa a respeito de seu livro que nele pretende contar “*todas as lambanças que pratica os favelados*” (JESUS, 1960, p. 20). Ela não se inclui neste grupo, não é favelada, *está* favelada, e isso muito lhe incomoda. Tanto que um dos objetivos de seu livro é lhe possibilitar ganhar dinheiro suficiente para se mudar para a vizinhança de alvenaria.

A impressão passada ao leitor é de que Carolina vê na favela não só a miséria da qual nenhum ser humano deveria sofrer, mas também um ambiente propício a todas as corrupções e degradações que um ser pode agüentar. A promiscuidade, as brigas, o descaso com a infância, a falta de privacidade e a fome, todos esses elementos são motivos de crítica por parte da autora, que nem sempre se vê isenta deles como gostaria. Um breve exemplo: Carolina não se cansa de falar das fofocas das mulheres da favela, até o ponto em que a flagramos cometendo tal delito (JESUS, 1960, pp. 102 e 115). Há

também vários relatos de brigas envolvendo-a, na maioria das vezes em defesa de seus filhos, o que nos leva a pensar que Carolina não é exatamente esta *lady* que ela gosta de pensar ser. Ou seja, nos parece que Carolina se mostra um tanto injusta com os outros favelados, dando-nos a impressão de que eles gostam das tais *lambanças*, não percebendo que este estilo de vida é muito mais uma consequência do meio do que uma escolha pessoal, e esta consequência também a inclui. É como se ela se perguntasse o tempo todo: *por que eles não seguem meu exemplo...*”.

Na verdade, são apenas nos momentos em que a fome chama e não há como calá-la que ela encara a triste realidade de estar no “quarto de despejo”, de também ser “um rebotalho” (JESUS, 1960, p. 33). Nestes momentos ela não se pode ver superior a seus vizinhos, não há como se distanciar desta realidade que a sufoca.

Enfim, para concluir este breve ensaio sobre Carolina e Quarto de Despejo podemos entrever que seu ideal de eu atravessa todos os pontos mencionados, pois que seu ideal a fez escolher a sublimação como forma de extravasar sua libido; seu ideal a fez se sentir superior e distante dos favelados; seu ideal a leva a se rebelar contra a realidade da pobreza, fazendo-a clamar por uma justiça para todos, mas nos dando a impressão que clama por justiça só para ela. Porém, apesar de todas as falhas, nos parece que seu ideal realmente a salvou, pois não estamos aqui discutindo o produto dele?

Bibliografia

FREUD, S. O Ego e o Id, Capítulos III e V, in *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, vol. XIX

_____ Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade, in *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, vol.VII

JESUS, C.M. *Quarto de Despejo*

NASIO, J. D. *Os Sete Conceitos Cruciais da Psicanálise*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1997